SCIAS
Língua de Sinais
Sign Language

DIFERENTES PERSPECTIVAS SOBRE A QUESTÃO DA CONCORDÂNCIA NAS LÍNGUAS DE SINAIS EM DEBATE NA ARENA ABRALIN

DIFFERENT PERSPECTIVES ON THE QUESTION OF AGREEMENT IN SIGN LANGUAGES UNDER DEBATE AT THE ABRALIN ARENA

Resenha

Hadassa Rodrigues Santos[1]
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-4982-3425.

Resumo

Esta resenha descreve o evento Arena Abralin "Diferentes perspectivas sobre a questão da concordância nas línguas de sinais"[2], transmitida em 18 de setembro de 2026 e primeira edição do formato dedicada às línguas de sinais. O debate pôs em confronto análises distintas da concordância verbal nas línguas de sinais, entendida como a relação entre o verbo e seus argumentos que se estabelece quando os pontos inicial e final do verbo coincidem com as localizações associadas aos referentes no espaço de sinalização. André Nogueira Xavier, a partir da Gramática Cognitiva, tratou a concordância como caso especial de sobreposição conceitual, que nas línguas de sinais tende a se realizar como sobreposição fonológica. Guilherme Lourenço defendeu, no quadro gerativista, que um traço de localização participa da computação sintática e só ganha forma espacial no *spell-*

[1] Professora da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. E-mail: hadassa.rodrigues@ufjf.br.

[2] Página do evento no portal Abralin ao Vivo. Disponível em: https://aovivo.abralin.org/lives/diferentes-perspectivas-sobre-a-questao-da-concordancia-nas-linguas-de-sinais/. Acesso em: 5 out. 2026.

out. Apoiado na teoria da proeminência linguística e em dados de corpus de Língua de Sinais Alemã (DGS), Língua de Sinais Britânica (BSL) e Língua Brasileira de Sinais (Libras), Thiago de Souza Santos mostrou que a modificação verbal é opcional e sensível a fatores semânticos e discursivos. Depois de descrever as exposições e as perguntas dos debatedores, a resenha argumenta que os expositores concordam quanto à variabilidade da marcação espacial e divergem quanto ao componente da gramática responsável por ela. Como agenda de pesquisa, o debate aponta para a investigação do modo como fatores semânticos e discursivos se articulam à gramática, questão da qual decorre também a disputa em torno do próprio termo "concordância".

Palavras-chave

Concordância. Língua Brasileira de Sinais. Proeminência. Gramática Cognitiva. Gramática Gerativa.

Abstract

This review describes the Abralin Arena event "Different perspectives on the question of agreement in sign languages", broadcast on September 18, 2026, the first edition of the format devoted to sign languages. The debate set side by side different analyses of verb agreement in sign languages, understood as the relation between the verb and its arguments that holds when the initial and final points of the verb coincide with the locations associated with the referents in signing space. Drawing on Cognitive Grammar, André Nogueira Xavier treated agreement as a special case of conceptual overlap, which in sign languages tends to surface as phonological overlap. Guilherme Lourenço argued, within the generative framework, that a location feature takes part in syntactic computation and acquires spatial form only at *spell-out*. Building on linguistic prominence theory and on corpus data from German Sign Language (DGS), British Sign Language (BSL) and Brazilian Sign Language (Libras), Thiago de Souza Santos showed that verb modification is optional and sensitive to semantic and discourse factors. After describing the presentations and the debaters' questions, the review argues that the speakers agree on the variability of spatial marking and disagree on which component of grammar accounts for it. As a research agenda, the debate points to the investigation of how semantic and discourse factors relate to grammar, an issue that also underlies the dispute over the term "agreement" itself.

Keywords

Agreement. Brazilian Sign Language. Prominence. Cognitive Grammar. Generative Grammar.

Introdução

A Arena Abralin “Diferentes perspectivas sobre a questão da concordância nas línguas de sinais” foi transmitida pelo canal da Associação Brasileira de Linguística no YouTube em 18 de setembro de 2026, das 19h às 21h10. O mediador, Anderson Almeida da Silva[3], lembrou na abertura que era a primeira vez que o formato, já utilizado em debates sobre línguas orais, se voltava para as línguas de sinais. A Arena contou com interpretação simultânea para o português oral, realizada pelos tradutores e intérpretes Thyago Santos[4], também debatedor da Arena, e Aline L’Astorina de Andrade Campos[5]. Anderson esclareceu também que o propósito do encontro era confrontar modos distintos de descrever e explicar o mesmo fenômeno, sem a pretensão de eleger uma abordagem vencedora.

Os rótulos com que a literatura designa esse fenômeno variam conforme a análise adotada, embora todos se refiram à possibilidade de certos verbos terem seus pontos inicial e final associados a localizações do espaço de sinalização que correspondem aos referentes dos argumentos. Fischer e Gough (1978) descreveram esses verbos como direcionais, ao passo que Padden (1988) os tratou como verbos de concordância, interpretando seu comportamento como concordância de pessoa. Liddell (2003), por sua vez, propôs chamá-los de verbos indicadores e reinterpretou o fenômeno como integração entre componentes linguísticos e gestuais. Mais recentemente, estudos baseados em corpus passaram a falar em modificação verbal, termo adotado por Santos (2025) e por Fenlon, Schembri e Cormier (2018), que mostraram, com dados da BSL, que a modificação é variável. É a esse quadro que André Nogueira Xavier[6] e Guilherme Lourenço[7] responderam a partir, respectivamente, da Gramática Cognitiva e da teoria gerativa, enquanto Thiago de

[3] Professor da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, Pernambuco, Brasil. E-mail: anderson.aas@ufpe.br.
[4] Tradutor e intérprete de Libras-Português da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, Brasil. E-mail: thysants@gmail.com.
[5] Tradutora e intérprete de Libras-Português do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), Rio de Janeiro, Brasil.
[6] Professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: andrexavier@ufpr.br.
[7] Professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. E-mail: guilhermelourenco@ufmg.br.

Souza Santos[8] recorreu a uma proposta mais recente, a teoria da proeminência linguística.

Cada expositor apresentou sua proposta e depois respondeu às perguntas de quatro debatedores, Daltro Roque Júnior[9], Hadassa Rodrigues Santos, autora desta resenha, Thyago Santos e Patrícia Araújo Vieira[10]. Exposições e perguntas foram feitas em Língua Brasileira de Sinais (Libras) e interpretadas para o português oral, o que inverte a lógica habitual de acessibilidade em eventos acadêmicos, como observou André no início de sua fala. A inversão teve consequências para o próprio debate, já que os exemplos e os argumentos sobre o uso do espaço foram apresentados na modalidade que estava em discussão.

Esta resenha acompanha a ordem das exposições e procura distinguir, em cada uma, os dados apresentados das interpretações teóricas que o expositor construiu a partir deles. Na sequência, relata as rodadas de perguntas e encerra com considerações sobre as convergências e as tensões que o debate trouxe à tona.

1. A concordância como caso especial de sobreposição conceitual

André Nogueira Xavier abriu a Arena com um recorte do trabalho que desenvolve com Sherman Wilcox e Rocío Martínez sobre sobreposição conceitual e múltipla simbolização nas línguas de sinais, baseado em dados de Libras e da Língua de Sinais Argentina (LSA), discutidos em Wilcox, Xavier e Martínez (2026). O ponto de partida foi a concepção de Langacker (2008) segundo a qual usar a língua exige decompor uma experiência holística em partes categorizadas e recombiná-las de acordo com padrões convencionais. Para ilustrar o papel da categorização, André recorreu ao conto “Funes, o memorioso”, de Borges (1944), cujo protagonista retém todos os detalhes do que vive e, por isso mesmo, é incapaz de generalizar. Nessa perspectiva, a gramática corresponde aos padrões que regem a combinação de elementos categorizados, e a predicação requer que os participantes do evento sejam elaborados, como acontece em “Maria gosta de João”.

[8] Professor da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió, Alagoas, Brasil. E-mail: thiago.santos@fale.ufal.br.
[9] Professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: daltrojr12@gmail.com.
[10] Professora da Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: patriciavieira@ufc.br.

A noção central da exposição foi a de sobreposição conceitual, que designa a relação entre um predicado e os elementos que o elaboram e da qual a concordância seria um caso particular. Com base em Kibrik (2011), o expositor atribuiu a ela uma função de rastreamento referencial, que consiste em indicar, ao longo do discurso, a que referente se atribuem as predicações. Daí deriva a ideia de múltipla simbolização, segundo a qual um mesmo referente pode ser retomado por símbolos diferentes ao longo do texto, como na narrativa russa analisada por Kibrik, em que um único personagem reaparece sob várias formas. Na proposta de Wilcox, Xavier e Martínez (2026), o lugar do espaço para onde o verbo se dirige funciona como ponto de referência que simboliza ao mesmo tempo o referente e o participante do evento, e é essa múltipla simbolização que integra as estruturas e garante o rastreamento.

Entre os dados trazidos à Arena, analisados qualitativamente, o primeiro exemplo, em LSA, contrastava a sinalização linear de um aprendiz ouvinte com a de uma sinalizante surda que estabelece um ponto no espaço antes mesmo de nomear o referente e passa a concentrar nele apontamentos, sinais nominais e o verbo. O segundo, em Libras, mostrava um professor surdo da UFPR relatando uma pesquisa sobre processos fonológicos, relato em que os processos e a plataforma consultada ficam associados a uma localização e a pesquisa realizada, a outra, de modo que cada região do espaço reúne os símbolos referentes a uma mesma entidade. Segundo a análise, a sobreposição conceitual, comum às duas modalidades, tende nas línguas de sinais a se manifestar como sobreposição fonológica, já que os elementos passam a compartilhar literalmente a mesma localização.

André relacionou o fenômeno à lei de Behaghel (1932), segundo a qual aquilo que está mentalmente próximo tende a ser expresso de forma próxima, e sugeriu que as línguas de sinais levam essa tendência ao limite ao converter proximidade em sobreposição. Afirmou também que os autores preferem reunir mais dados antes de identificar o fenômeno com a concordância descrita para as línguas orais, dada a diversidade tipológica abrigada sob esse nome.

2. A concordância como valoração de traços e externalização espacial

Guilherme Lourenço apresentou uma síntese de sua proposta de formalização da concordância em Libras (Lourenço, 2018) e reconheceu que a tradição gerativa não é unânime sobre o tema. Parte dos autores trata a direcionalidade como concordância sintática, enquanto outros a situam no nível do discurso, fora da sentença. Guilherme definiu a concordância como a relação entre um item que porta um traço valorado e outro que recebe esse valor ao longo da derivação, e recorreu ao português para ilustrá-la com "nós conversamos", em que os traços de primeira pessoa do plural do pronome são copiados para o verbo.

Ao passar à Libras, com o exemplo IX_1 $_1AJUDAR_a$ IX_a, Guilherme chamou a atenção para as localizações inicial e final do verbo, que coincidem com as localizações associadas aos pronomes, e deixou o movimento em segundo plano. A diferença em relação ao português estaria no número de relações estabelecidas, já que, em vez de uma única relação entre sujeito e verbo, a Libras estabeleceria duas, uma com o sujeito e outra com o objeto, e a marca dessas relações seria a própria localização. Daí a hipótese central de que a derivação sintática conta com um traço de localização, valor que o apontamento carrega junto com a identidade do referente e que o verbo recebe.

A proposta separa dois momentos e situa a valoração de traços na computação sintática, onde ela ocorreria da mesma maneira em qualquer língua, independentemente da modalidade. É no *spell-out* que a modalidade intervém, isto é, no ponto da derivação em que a estrutura construída pela sintaxe é transferida para as interfaces, a sensório-motora, responsável pela externalização, e a conceitual-intencional, responsável pela interpretação semântica. Como a valoração de traços se daria antes dessa transferência, a diferença entre línguas orais e línguas de sinais não estaria na computação, mas no modo como a interface sensório-motora converte os traços valorados em forma articulada, seja como morfologia segmental, seja como posição no espaço. Nas línguas de sinais, os valores de localização seriam externalizados como coordenadas cartesianas (x, y, z), organizadas em eixos como proximal e distal ou alto e baixo.

Decorre dessa arquitetura a ideia de que a especificidade das línguas de sinais está na interface com o sistema articulatório, já que a sintaxe da concordância seria universal. A agenda de pesquisa proposta por ele se resume,

então, a duas perguntas, a de como traços gramaticais se manifestam no espaço e a de como esses traços são compartilhados entre os argumentos e o verbo.

3. A modificação verbal pela lente da proeminência linguística

Thiago de Souza Santos apresentou resultados de sua tese, defendida em 2025 na Universidade de Colônia (Santos, 2025), cujo referencial é a teoria da proeminência linguística de Himmelmann e Primus (2015). A teoria estende a todos os níveis de análise uma noção que antes se restringia, em grande parte, à prosódia. Nela, elementos de mesmo nível competem por proeminência, e aquele que se destaca, condição que pode se alterar ao longo do discurso, atrai marcações e posições privilegiadas. O expositor sublinhou que a competição ocorre em domínios diferentes, entre argumentos no plano morfossintático e entre referentes no plano discursivo.

A ligação com a modificação verbal veio da marcação diferencial de objeto, que Thiago, com base em Aissen (2003), descreveu como resultado da tensão entre a iconicidade, que leva a marcar objetos com propriedades semânticas inesperadas, como a humanidade e a animacidade, e a economia, que leva a deixar sem marca o que é previsível. Os exemplos vieram do espanhol, em que a preposição a introduz objetos humanos, e de um uso do português em que "amar a Deus" recebe preposição. Para a DGS, retomando análise já publicada (Santos et al., 2025), o expositor argumentou que o marcador PAM, tradicionalmente descrito como auxiliar de concordância de pessoa, funciona antes como marcador diferencial de objeto, uma vez que é opcional e tende a aparecer com objetos semanticamente especiais.

Os resultados de corpus foram postos em diálogo com os de Fenlon, Schembri e Cormier (2018), que preferem o termo modificação verbal e mostraram que, na BSL, a modificação é favorecida por fatores como a ação construída, a correferência e a humanidade dos referentes. A análise de Thiago reuniu 758 ocorrências de DGS e 272 de Libras, estas produzidas por sinalizantes de Florianópolis e Maceió. Nas duas línguas, a modificação se mostrou variável e assimétrica, com sujeitos modificados entre 27% e 55% dos casos e objetos entre 55% e 70%. A ação construída e a correferência favoreceram a modificação, assim como a presença da

primeira pessoa. Em Libras, objetos humanos foram modificados com mais frequência do que inanimados (76% contra 46%), embora a diferença não tenha atingido significância estatística, e em DGS esse efeito não apareceu. Para interpretar a assimetria, o expositor propôs que o corpo do sinalizante funciona como sujeito por padrão, configuração que considerou cognitivamente mais confortável, o que torna a marcação necessária sobretudo quando a primeira pessoa ocupa a posição de objeto, ao passo que a ação construída e a correferência favoreceriam a modificação por tornarem os referentes mais acessíveis.

Thiago retomou ainda a posição de Liddell (2003), para quem a direcionalidade combina um morfema linguístico e um componente gestual. Sua exposição sustenta que a modificação verbal é opcional e condicionada sobretudo por fatores semânticos e discursivos, o que a aproxima mais da marcação diferencial de objeto do que da concordância canônica. Segundo ele, o artigo com os dados de modificação verbal em DGS ainda não foi publicado, embora os resultados constem da tese.

4. O debate

Daltro Roque Júnior abriu a rodada de perguntas indagando de que modo a modalidade visual-espacial desafia e amplia as teorias tradicionais da concordância, e as respostas situaram o efeito da modalidade em níveis distintos da gramática. André argumentou que a função de rastrear referentes é comum às duas modalidades e que a especificidade das línguas de sinais está na forma, ou seja, na sobreposição fonológica. Guilherme situou o desafio apenas no plano da externalização, já que a computação seria a mesma para todas as línguas, e lembrou que a teoria gerativa foi uma das primeiras a incorporar as línguas de sinais a suas discussões. Thiago apontou a dificuldade de separar o componente linguístico do gestual quando ambos são produzidos pelos mesmos articuladores, problema que também existe nas línguas orais e que a modalidade visual torna mais evidente.

A segunda pergunta, formulada pela autora desta resenha, foi dirigida a Guilherme e partiu de um resultado apresentado por Thiago, a maior frequência de modificação com objetos humanos em Libras. Se a humanidade do objeto favorece a

modificação e se a concordância, no quadro minimalista, opera apenas sobre traços formais, como explicar a influência de uma propriedade semântica sem abrir mão da autonomia da sintaxe? A pergunta se estendia aos demais expositores e incluía a questão de qual modelo de interface daria conta dessa articulação. Guilherme respondeu que a variação na realização da concordância não depõe contra a computação sintática, pois se situa no *spell-out*, que sofre a influência de muitos outros fatores. Como exemplo, citou a marcação de plural no português brasileiro, em construções como "essas[PL] novinha[Ø] assadinha[Ø] que só quer[Ø] (...)", em que a marca aparece apenas no determinante sem que se possa concluir que o português não tenha concordância, e lembrou ainda a tendência de expressar pronomes de primeira pessoa e omitir os de terceira. Para a Libras, mostrou que tanto JOÃO[3] TRABALHAR[3] quanto JOÃO[3] TRABALHAR[Ø] são possíveis, o que, a seu ver, indica que a ausência ocasional da marca não elimina a concordância. A animacidade e a humanidade atuariam, portanto, sobre a externalização, e não sobre a computação.

Thiago complementou a discussão com um trecho de narrativa em que uma sinalizante relata um acidente de bicicleta na infância. Ao assumir em ação construída a perspectiva da personagem, ela inverte o lado do espaço atribuído à mãe sem prejuízo para a compreensão. O exemplo serviu para argumentar que as localizações são estabelecidas e redefinidas no momento da produção, sob efeito da perspectiva e dos espaços mentais, algo que, a seu ver, as teorias formais não capturam. André acrescentou que a Linguística Cognitiva espera essa variação, já que a gramática de cada indivíduo se constitui a partir de sua experiência e um mesmo evento admite construções sob perspectivas diferentes.

Em atenção ao tempo restante, Thyago Santos gentilmente abriu mão de sua pergunta, e a última intervenção coube a Patrícia, que perguntou a Thiago como a distinção entre informação dada e informação nova se relaciona com a proeminência, considerando que um objeto novo tende a ser mais destacado no discurso. Em sua resposta, o expositor distinguiu a proeminência discursiva da sintática. Na primeira, a relação com a marcação seria inversa, pois o referente proeminente e acessível dispensa marcação, como ocorre na correferência, ao passo que, na segunda, o argumento proeminente recebe marca conforme propriedades

como humanidade e agentividade, já codificadas na gramática da língua. Ao encerrar a Arena, o mediador observou que temas como iconicidade e gestualidade mereceriam outros encontros e destacou o valor do registro do debate em Libras como meio de acesso ao conhecimento linguístico para pesquisadores e estudantes surdos.

5. Considerações finais

Os três expositores reconheceram que a marcação espacial dos verbos não é obrigatória, mas suas propostas divergem quanto ao componente que explica essa variação, e cada uma delas abre uma frente de investigação própria. Ao situar no *spell-out* os efeitos da humanidade do objeto e da correferência, a abordagem gerativa preserva a uniformidade da computação sintática e convida a detalhar como a interface acessa informações semânticas e discursivas. A Gramática Cognitiva, ao explicar a variação pela possibilidade de construir um mesmo evento sob perspectivas diferentes, oferece uma motivação geral para a sobreposição de localizações e permite investigar também os contextos em que ela não se realiza. A teoria da proeminência, ao tratar a variação como condicionada por fatores identificáveis, aproxima-se de um modelo preditivo, o que permite confrontá-la diretamente com dados de corpus. Nesse sentido, a resposta de Thiago a Patrícia, segundo a qual o referente acessível tende a dispensar marcação no domínio discursivo, indica que a relação entre acessibilidade e marcação merece ser examinada mais de perto, uma vez que, nos dados apresentados, objetos com referentes mantidos ou reintroduzidos foram modificados com mais frequência do que objetos com referentes novos. Esse resultado sugere que a articulação entre os domínios discursivo e sintático é um dos pontos mais promissores para a continuidade da pesquisa.

O debate parece indicar, ainda, que o próprio rótulo “concordância” permanece em disputa. Resolver essa questão não estava entre os objetivos da Arena, mas o encontro contribuiu para torná-la mais explícita em um campo no qual o termo tende a circular sem que se discuta, com a mesma frequência, o que ele pressupõe.

Ao colocar lado a lado, em Libras e com acesso público, três análises distintas do mesmo fenômeno, a Arena cumpriu o que propôs, e sua gravação pode servir tanto como introdução ao estado do debate para estudantes de Letras-Libras e de pós-graduação quanto, para pesquisadores, como ponto de partida para a agenda de pesquisa que o debate delineou.

Referências

AISSEN, Judith. Differential object marking: iconicity vs. economy. **Natural Language & Linguistic Theory**, v. 21, n. 3, p. 435-483, 2003. DOI: https://doi.org/10.1023/A:1024109008573.

BEHAGHEL, Otto. **Deutsche Syntax**: eine geschichtliche Darstellung. Band IV: Wortstellung, Periodenbau. Heidelberg: Carl Winter, 1932.

BORGES, Jorge Luis. Funes el memorioso. *In*: BORGES, Jorge Luis. **Ficciones**. Buenos Aires: Sur, 1944.

DIFERENTES perspectivas sobre a questão da concordância nas línguas de sinais. [*S. l.*]: Associação Brasileira de Linguística, 18 set. 2026. 1 vídeo (2 h 10 min). Arena Abralin. Mediação: Anderson Almeida da Silva. Expositores: André Nogueira Xavier, Guilherme Lourenço e Thiago de Souza Santos. Debatedores: Daltro Roque Júnior, Hadassa Rodrigues Santos, Thyago Santos e Patrícia Araújo Vieira. Publicado pelo canal Abralin. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=dLLpKSXvroA. Acesso em: 6 out. 2026.

FENLON, Jordan; SCHEMBRI, Adam; CORMIER, Kearsy. Modification of indicating verbs in British Sign Language: a corpus-based study. **Language**, v. 94, n. 1, p. 84-118, 2018. DOI: https://doi.org/10.1353/lan.2018.0002.

FISCHER, Susan; GOUGH, Bonnie. Verbs in American Sign Language. **Sign Language Studies**, n. 18, p. 17-48, 1978.

HIMMELMANN, Nikolaus P.; PRIMUS, Beatrice. Prominence beyond prosody: a first approximation. *In*: DE DOMINICIS, Amedeo (ed.). **pS-prominenceS**: prominences in linguistics. Proceedings of the International Conference. Viterbo: DISUCOM Press, 2015. p. 38-58.

KIBRIK, Andrej A. **Reference in discourse**. Oxford: Oxford University Press, 2011. (Oxford Studies in Typology and Linguistic Theory).

LANGACKER, Ronald W. **Cognitive Grammar**: a basic introduction. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LIDDELL, Scott K. **Grammar, gesture, and meaning in American Sign Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LOURENÇO, Guilherme. **Verb agreement in Brazilian Sign Language**: morphophonology, syntax & semantics. Orientador: Fábio Bonfim Duarte. Coorientadora: Ronnie B. Wilbur.

2018. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: http://hdl.handle.net/1843/LETR-B7NEZ5. Acesso em: 6 out. 2026.

PADDEN, Carol A. **Interaction of morphology and syntax in American Sign Language**. New York: Garland, 1988. (Outstanding Dissertations in Linguistics).

SANTOS, Thiago Bruno de Souza. **The competition between arguments for prominence in German Sign Language**. 2025. Tese (Doutorado) – Universität zu Köln, Colônia, 2025. Disponível em: https://kups.ub.uni-koeln.de/78868/. Acesso em: 6 out. 2026.

SANTOS, Thiago de Souza; DIETRICH, Antonia; STEINBACH, Peggy; PERNISS, Pamela. Differential object marking in DGS (German Sign Language): a prominence-based account of the use of PAM based on naturalistic data. **Glossa**: a journal of general linguistics, v. 10, n. 1, p. 1-44, 2025. DOI: https://doi.org/10.16995/glossa.11591.

WILCOX, Sherman; XAVIER, André Nogueira; MARTÍNEZ, Rocío Anabel. Conceptual overlap and multiple symbolization in signed languages. **Review of Cognitive Linguistics**, Amsterdam, 2026. No prelo. DOI: https://doi.org/10.1075/rcl.00247.wil.